

Baseado nos estudos lúdicos da Dr. Dione de Medeiros Lula Zavaroni

Minha doce e querida Marseille minha mente vaga em lembranças suas de um tempo em que éramos primitivos, porém nobres de espírito. Nossa comunhão de propósito possibilitou que o vinho colhido fosse o mais significativo da região. Que nosso trigo servisse para as cidadelas vizinhas e que nosso orgulho de sermos provençais manifestasse em nossa alegria de viver e no compartilhamento do mundo a nossa volta.

E eu Michael conforme prometido a doce e encantadora Maria cumpro minha palavra diante do altíssimo de resgatar sua memória cinco séculos adiante de seu tempo para que possas seguir o seu curso e encantar o mundo com a obra que tu preparaste.

Somos provincianos sim, por isto estamos pronto para desembarcar no mundo. Nosso porto estremecerá quando nossas caravelas penetrarem em suas cidades e nem a pólvora, nem o fogo irá nos deter em nossas humildes intensões transformadoras.

Porque dentro de nós carregamos a verdade, e conforme prevíamos a degeneração de nossos corpos cinco séculos depois do compromisso necessitaria um agir de uma batalha sem trégua para tirar de dentro do ser humano o germe do egoísmo que suplantou a barreira da honradez e da decência.

Então eu humildemente me anulo como Michael na figura do transcritor para repassar a história de Maria, que em nosso tempo mulher não tinha identidade, e pertencia à sombra de seu projenitor, que a Maria de nosso tempo era a mulher do ferreiro.

Cinquenta foram os anos que se passaram de minha vida em que carregava comigo uma tristeza de tecelã a me envolver em fardos de algodão em minhas costas para da renda vir a fazer vestidos de gala.

Tudo era muito intenso em minha vida e o absurdo ao se instalar não era Maria que se expressava, era o Ferreiro que falava por mim. Minha sensação era de vazio e desterro, o consumo de vinho acentuava mais ainda minha agonia de não agir diante de meu sofrimento fortuito. Mas ninguém se importava com minhas manias, porque eu era apenas a Maria do Ferreiro.

As crises serviam para me mostrar que era infrutífera aos olhos dos homens que por mim transitavam na rua. Meus encantamentos já haviam se perdido em minha mocidade.

Não era uma mulher de muitos sonhos, minha identidade como um ser da estrutura do clã de alguém já se ajustava a um princípio de satisfação de ser reconhecida pelo grupo que me rodeava.

Foram muitas as consultas ao homem da palavra na casa de Deus todo Poderoso que há de conservar nossas existências e nossas vidas. E Deus há de conservar o princípio de nossa abstração para todo o sempre e abençoar quem transmite a palavra que santifica a alma.

Saía do confessionário com a impressão de alma lavada e livre das impurezas do mundo. Relatava tudo o que sentia no momento mesmo que a fantasia beirasse sobre o meu caminho.

Eram muitas as marcas do tempo sobre o meu corpo, muito sofrimento que pudesse ser evitado como se eu não fosse apenas a mulher que estava por trás do ferreiro o meu pai.

Eu tinha a capacidade de me fusionar a essência do homem que me dava certa leveza e fluência a pronunciar quando a palavra me era oferecida, mas possuía integrada dentro de mim também a reflexibilidade suficiente para acomodar meu impulso de liderar minha própria vida da ingratidão do olhar repreensivo do homem de meu tempo a toda mulher que ousasse um dia pensar.

Apesar de não gostar de ser interrompida quando falava minha posição de inferioridade como ser em meu tempo me levava a me dar como vencida em minha necessidade de argumentar quando algum homem estava presente e quisesse a palavra.

Era o mesmo se minha insistência em pronunciar algo me levasse à sensação de falar e não ser ouvida. Por isto muitas vezes eu: a humilde mulher do ferreiro de meu pai relutava em procurar atendimento na igreja, porque lá encontraria outro homem a me indagar minhas vicissitudes.

Na figura do homem que a oprimia internamente pela anulação de identidade me via como um objeto da realização masculina quando me ordenassem que estivesse pronta para o matrimônio, mas ninguém queria quando era jovem arriscar sua sorte nas mãos de uma família de camponeses, por isto me restou à solidão alcançada nos meus 50 anos como refúgio de minha insignificância como obra da criação divina.

Eu nutria quando jovem uma necessidade de significação diferenciada. Então não encontrando em nenhum homem o valor que queria atribuir a mim, com o tempo aprendi em mim mesmo a introjectar significação para minha própria existência. O que me levou a ter um espírito nobre e a recobrar meu altruísmo e parte de minha autoestima.

Mas a minha interiorização excessiva me levou a jogar a culpa do meu sofrimento de forma anônima e velada na figura decorativa do outro: na imagem do meu pai levado a crises de incessantes consumos de vinho e na imagem do representante de Deus a colocar sobre mim reflexões masculinas sobre o meu comportamento.

Quando o padre migrou para outra cidadela, o seu substituto me pareceu uma pessoa muito hospitaleira aos olhos de Deus o que me levou a um envolvimento mais próximo para minha necessidade de companheirismo.

Mas não compreendendo sua necessidade para organizar outras vidas a luz de Deus, fui capaz de projetar minha afetação de egoísmo sobre ele e a significação de rejeição me levou ao afastamento da igreja. Não tinha mais confiança em quem não fosse exclusivo para tratar de minha individualidade. Pois a rebeldia de Maria nesta época não mais aceitava ser reverenciada como sendo a mulher do ferreiro.

Então passei a ter outros dois atendimentos em cidades vizinhas longe de nossas embarcações e do olhar curioso do povo que confabulava. Assim era minha visão de ver as coisas. E todas as quatro tentativas de reconciliação comigo mesmo através do altíssimo falhavam na aquietação de minha mente. Passei a sobrepor os atendimentos entre os homens de Deus disponíveis, no intuito de encontrar a minha ressignificação e personalização de minhas atitudes na escolha da melhor opção de auxílio.

Gostava de relatar o que pensava em toda a sua extensão e dimensão nas primeiras fases iniciais em que a consulta com um novo homem da palavra estava por começar sua sinergia.

Marseille parecia não mais generosa comigo, quando voltava da minha incessante busca de Deus nutria a sensação dentro de mim de que estava sendo difamada em minhas viagens para as cidadelas vizinhas. O que me causava muitos distúrbios a minha mente de ordenação de meus pensamentos, por não saber como agir diante da suposição de tais acusações que eram apenas troca de olhares.

Minhas crises de identidade se tornaram muito mais frequentes à medida que a intensificação da dúvida projetiva da língua dos homens comuns me via como um objeto de censura a cruzar pela rua. A minha impressão de acusação que recaia sobre mim através do olhar era suficiente para me fazer cair em uma tristeza profunda.

O que foi aprofundado com a morte da minha mãe que era também uma das agregadas do ferreiro. Aos cinquenta anos, solteira me via sem pai se sem mãe para me auxiliar.

Parece que a morte do meu pai ao mesmo tempo em que me causou um profundo alívio veio a intensificar o meu sofrimento.

Eu passei por uma fase de intensa agitação em que a solução encontrada era o choro farto. O que me levou a ficar em isolamento muitas vezes acamada sobre uma cama de feno a esperar que as orações de outras mulheres sem identidade social assim como eu me conectasse a Deus e me retirasse de tal sofrimento.

Neste momento de recolhimento de meu corpo e minha alma sabia que minha consciência estava intacta, porém não detinha o controle para me expressar como uma humilde serva do Senhor.

Minhas reflexões se consumiam numa profunda mágoa com o agrupamento de minha cidade por supor em seus olhares que difamassem histórias sobre o consumo de meu corpo nas cidades vizinhas.

Mas era forte o suficiente para compreender que se rompesse com as pessoas em minha volta seria uma Maria fraca a mostrar ainda mais que minha ausência de identidade era uma constatação social. Mas, não! Sou Maria e tenho brilho por isto passei anos resolutos a demonstrar afetividade por aqueles que tanto me castigaram.

Mas não era mais a mesma pessoa doce e afável com os outros na demonstração de amparo e carinho, porque o sentimento de rejeição me consumia principalmente quando o meu corpo ficava convalescente.

Minha autorreflexão me permitia observar que meus vínculos de afetação eram internos. Apesar de ver no rompimento do olhar motivos para intensificação da tristeza e do pesar.

Porém eu Maria não me deixava abater pelas circunstâncias estava além de meu tempo e via no olhar de censura e reprovação como um carro de boi a ser colocado novamente nos trilhos para que o defeito da roda não coibisse minha jornada para o encontro de Deus no dia seguinte na cidadela mais próxima.

Então para quem não me conhecesse, eu, Maria compreendia que o perdão era necessário quanto ao olhar reprovador, porém para quem me conhecia não via necessidade de me reconsiderar. O que me levou a ter pânico por lugares fechados principalmente quando estava sozinha com um homem no ambiente.

O meu corpo em constante estado de envelhecimento não me nutria mais uma significação que me agrasse ou me identificasse. Por esta razão passei e evitar o olhar de frente do transeunte. Então passei a acumular o estresse da comunicação.

Para mim era como se tivesse sido instintivamente sendo banida aos poucos do agrupamento social. Como se uma rejeição contínua aflorasse contra a minha pessoa em relação à cidadela em que fazia parte.

Eu Maria tive uma infância com raras amizades, então ao crescer passei a intensificar minha busca pela sintonia do agrupamento como uma possibilidade de ascensão social.

Ah! Minha doce mãe, que me fez ter boas recordações enquanto viva. Sua dedicação aos filhos me fez tornar a Maria forte que hoje sou. Me faz esconder todo o meu sofrimento para ser digna de seu aprendizado para com a minha fortaleza.

Meu pai, eu não desejava que o passado retornasse em termos de significação para comigo. Talvez porque ele representasse o delírio pelo abuso do álcool que nutriu os meus temores de ser violentada por seus amigos bêbados que iam para minha casa se embriagar enquanto minha mãe se recolhia no quarto para ficar isolada da confraria.

Minha infância foi muito humilde de recursos, porém os cinquenta anos, mesmo sem meus pais vivos, os recursos que eles acumularam em vida eram suficientes para minha manutenção segura. O que não dispensava ajuda de meus verdadeiros amigos que me viam como uma criatura esforçada e coitada pelo seu infortúnio de vida.

Meu pai era uma pessoa muito rígida, por isto ninguém me conhecia pelo nome, porque a figura do ferreiro era mais sólida pela sociedade de Marseille devido seu caráter duro e bruto.

Mas não quero muito me prolongar a falar de meu pai: muitas vezes disse isto ao servo de Deus que procurava saber a essência de meu sofrimento.

Meu pai era um homem de muita fé na Igreja do Senhor. O que não me poupou a levar minha fúria de anonimato a sua sombra por todo o mal acumulado que foi capaz de me gerar.

Aos poucos fui capaz de passar tudo o que sentia para o homem de Deus. Meus sonhos por vezes simbolizavam manchas que não saiam. O que acelerava minha necessidade de confissão que me desencadeava o desejo de ir ao padre no instante seguinte. Eu tinha a dificuldade de dar perdão. Então muitas vezes caía em crises de arrependimento com muito choro.

Quando minhas convicções eram muito fortes ficava feliz em enfrentar alguém em posição de autoridade, e só tinha a destreza para fazer isto se a figura fosse masculina na identificação do homem de Deus que poderia compreender minhas faltas quando me arrependesse.

Por muito tempo senti muitas raivas de meu pai pelas surras que ele me deu. Mesmo com a minha mãe doente que acabou por piorar sua convalescência porque o meu pai não deixou que ela fosse ao meu auxílio na hora que mais precisava de cuidados sobre a cama.

Eu era muito pontual na consulta à Igreja. Mesmo quando passava por períodos muitos conturbados e sem dinheiro e fragilizada, falta de ânimo e metas para a vida e rotina o auxílio do representante de Deus era fundamental para me mostrar que era possível me tranquilizar sobre minhas pequenas dúvidas que muito me afetavam e minhas pequenas culpas.

Tudo era um grande dilema: comer em casa ou sob o olhar dos transeuntes da cidade?

Porém quando o representante do Senhor me fez gerar entendimento ao anunciar pelo Espírito Santo de Deus que minha sensação de desânimo e desamparo não era gerado pela minha tristeza, mas sim, pela minha falta de prazer em realiza as coisas; senti o mundo transformado e aliviado.

Era a necessidade de Amar o que se projeta em vida que me faria visualizar a vida como algo que valesse apena perseguir.

O que me levou a convicção que perdi tempo demais em viver sem prazer e paixão e arrebatamento. O que me levou a ter cautela sobre as minhas colocações sobre outras pessoas.

A minha fragilidade calcada no meu egoísmo não deveria ser tão forte ao ponto de desencadear uma histeria profunda sobre mim.

Então passei a me canalizar sobre o meu passado, a recordar mais intensamente sobre a minha infância. O que levou a um profundo questionar sobre minha própria essência.

Começou a pulsar sobre mim cenas que foram vivenciadas de forma intensa. E a identificação da vida de outras pessoas que sofreram abusos pelos homens, me levou a raciocinar que minha falta de identidade fora um abuso exercido pelo arquétipo masculino a minha santidade como mulher.

Esta dúvida do abuso introjectado como um abuso sexual sobre minha essência me levou a investigar mais profundamente traços de recordações de que algum amigo bêbado do meu pai veio a macular minha alma no seu quadro de embriaguez.

Então passei a macular a memória do meu pai e de seus amigos sem que minha certeza de profanação tivesse a lembrança de um culpado por tamanha aberração da minha natureza como mulher.

As dúvidas foram levadas para que o analista do Senhor viesse a explanar a sua situação infantil vivenciada. E chegou a tal estado que os sonhos com várias crianças pedindo ajuda por terem sido abusadas sexualmente vinham dentro de minha memória.

Minha mãe era de certa uma mulher muito pura e santificada aos olhos de Deus. Então ao reflexionar sobre a história de embriaguez de meu pai me vi levada que o estado alterado do meu pai fizera muitas vezes minha mãe de objeto ao ponto dela ter sofrido consecutivos abusos por parte do ferreiro.

Então minha dúvida de profanação de meu corpo recaiu sobre o corpo de minha mãe, e quiçá, tivesse eu sido violentada quando ainda me encontrava dentro do ventre de minha mãe?

E minha vida sem identificação toda ela fez parte de um trauma migrado da essência da minha mãe na forma da transposição da dor para o embrião que estava encapsulado em seu ventre. Ou seria tudo isto uma grande fantasia sobre a historia de vida do corpo de minha mãe e do meu próprio corpo?

Então para mim foi fácil transferir a noção de violência sobre o corpo da mãe em vez de meu corpo. A violência do ferreiro mistura a separação dos corpos entre minha mãe e meu corpo. Então a significação de pureza da mãe é perdida como por um encanto da minha fantasiosa cena de identificação do estrupo.

Após esta reconstrução de minha alma, as descobertas mesmo que fantasiosas serviram como elementos ordenadores de constituição psíquica do meu desenvolvimento atual.

Foi suficiente para perceber a minha vivência infantil e de muito desamparo em que minha identificação social era muito presente, inflada, rígida e severa.

Recordei então com muito pesar que os últimos anos de minha mãe fossem de ausência de comunicação da expressão da fala. E que tive em toda vida um ou dois namorados e me mantive intacta para não macular minha alma.

Não era uma pessoa fácil de lidar. Poucos tinham a ousadia de mexer comigo. Mantinha minha vivência sedutora apesar de minha história catastrófica.

Para eu desistir de casar foi uma consequência natural para cuidar de meus pais na velhice. Neste período de reflexão me via em uma atitude adolescente em uma vida adulta. Quando precisava sair escondia o fato aos meus pais e ia completamente de forma velada.

Descobri que de fato nunca fui capaz de desejar, pois para se desejar tinha que existir primeiro, na realidade eu não sustentava o desejo. Então via na figura do analista do Senhor a identificação desse pulsar do referencial visual, o que me fez começar a descontrair e a achar graça da própria falta de sorte e das coisas que fazia. Vi que o choro em abundância de antes, não tinha mais significação. Contentava-me apenas para meu controle tomar o chá para me relaxar e seguir minha vida aos olhos de Deus e em paz comigo mesmo aos olhos do homem, porque eu sou Maria, a mulher de um ferreiro.

Então Michael recordou seu tempo cinco séculos depois do acontecido e devolveu a paz a doce e encantadora Maria, não mais a Maria mulher do ferreiro, mas à Maria que muito contribuiu para sanar as dores da humanidade com sua humilde história de amor para que outros não mais sofressem o que sua experimentação foi capaz de vir à tona para o mundo.